

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



CONTRIBUIÇÕES AOS SABERES EM INCLUSÃO ESCOLAR DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NOS NAPNEs

Ricardo Allan de Carvalho Rodrigues ¹

Maria Cristina Caminha de Castilhos França ²

Temática

Formação de Professores na Educação Especial.

Problemática

Quais os saberes em inclusão escolar, considerados minimamente essenciais, devem constituir o perfil do agente inclusivo no desempenho de suas práticas inclusivas?

Objetivo

Analisar o que são considerados saberes em inclusão escolar, conhecimentos, formais e informais, sobre as práticas de inclusão escolar de pessoas da educação especial, aprendidos e compartilhados em espaços formais e não formais de educação.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa orientou-se pela metodologia de estudo de caso, de caráter qualitativo, exploratório, sob diferentes formas: a revisão bibliográfica, a observação participante, a entrevista semiestruturada e aplicação de questionário. Para a coleta dos dados, optou-se inicialmente pela observação participante, seguida de entrevista semiestruturada para, posteriormente, aplicar o questionário, composto de questões abertas e fechadas. Esse material foi transcrito e decodificado por meio das categorias de análise subtraídas da teoria que fundamenta esse estudo e de categorias êmicas, expressas pelos participantes dessa pesquisa.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo - IFES, *Campus* Vitória; ricardoallan@mec.gov.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS *Campus* Porto Alegre; mcristina.franca@poa.ifrs.edu.br..

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
IFES

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



Programa de
Pós-Graduação
em Educação



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



A fim de melhor identificação das respostas dos participantes, os mesmos foram descritos da seguinte forma:

Quadro 01– Caracterização dos participantes entrevistados

➤	Coordenadora do NAPNE (doutora em geografia)
➤	Interlocutor 01 - Professor que atua em salas inclusivas (bacharel em comunicação e contabilidade)
➤	Interlocutor 02 - Professora que atua em salas inclusivas (bacharel em contabilidade)
➤	Interlocutor 01 - Intérprete de LIBRAS (técnica em LIBRAS)
➤	Interlocutor 02 - Intérprete de LIBRAS (pedagoga)
➤	Interlocutor 01 - Monitor (estagiário de curso de graduação)

➤	Interlocutor 01 - Estudante Cego, atendido e monitor no NAPNE (cursos de pós-graduação em gestão pública).
➤	Interlocutor 02 - Estudante Cega, atendida e monitora no NAPNE (cursos de pós-graduação em gestão pública).

Fonte: autor da pesquisa.

O instrumento de pesquisa estruturado, aplicado aos profissionais do NAPNE, foi organizado em três enfoques: 1) caracterizar o perfil inicial dos profissionais que atuam no NAPNE; 2) verificar as redes de apoio existentes no IFB para a oferta de formação continuada; 3) identificar as barreiras enfrentadas para a efetivação da inclusão e reflexão sobre os saberes inclusivos necessários para as práticas pedagógicas do AEE no NAPNE do IFB.

Resultados e discussões

Quanto à formação inicial e continuada, o estudo averigou as características dos profissionais que atuam no NAPNE. Ao ser questionados se houve alguma exigência de conhecimento sobre a educação inclusiva para exercício no NAPNE, com a exceção do corpo técnico de LIBRAS, todos foram unânimes em dizer que não houve nenhuma exigência de

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



formação na área da educação especial, inclusive para coordenação do núcleo. Tal fato pode ser verificado na própria normativa do núcleo do IFB.

Art. 5º – O NAPNE será composto por no mínimo três (03) servidores do IFB, dentre eles, um coordenador (a), um (a) secretário (a) e por uma equipe multidisciplinar **voluntária**, com representação de todos os segmentos do *Campus*, subordinado diretamente à Diretoria de Ensino, Pesquisa e de Extensão (Brasil 2013), (Grifo nosso).

Sobre as redes de apoio à formação continuada, a pesquisa identificou que o trabalho de identificação e captação do estudante público da educação especial no IF acontece por meio do registro da matrícula ou pelo encaminhamento do professor de sala de aula inclusiva, que recorre ao NAPNE, para que este promova uma avaliação do estudante. Neste cenário, destaca-se a rede de apoio ao IFB, por meio da parceria com a Associação de Centro de Treinamento de Educação Física Especial (CETEFE).

Interlocutor 01 - Coordenadora do NAPNE. “Os professores são orientados através do laudo, encaminhado pelo CETEFE, que faz um trabalho multidisciplinar. Esse laudo é mais completo, pois eles têm profissionais na área de educação, saúde. Esse laudo tem várias recomendações para os docentes. Esse é um convênio que o IFB fez com esse centro. E lá que faz esse laudo, pois aqui não temos essa equipe. Embora a gente faça um diagnóstico aqui, uma outra maneira é a gente esperar a chegada do laudo do CETEFE, que é mais completo em termos de recomendação metodológica, de acessibilidade metodológica para o docente. Depois a gente encaminha por e-mail para o coordenador pedagógico, com cópia para os professores ou a gente sensibiliza, através das reuniões de colegial, a gente sensibiliza cada caso. Obviamente, a gente vai tratar em colegiados mais complexos, como os conselhos de classe”.

Em referência aos **saberes em inclusão escolar**, a pesquisa investigou, entre outras questões, sobre o que os profissionais que atuam no NAPNE julgam entender como saberes de inclusão escolar minimamente necessários para atuação nas práticas de Atendimento Educacional Especializado (AEE), visando à inclusão de pessoas público da educação especial no Instituto Federal de Brasília. Embora os participantes da pesquisa tenham destacados pontualmente alguns saberes científicos, como conhecimento de legislações sobre inclusão, características das deficiências, como saberes de inclusão escolar, unanimemente, todos os entrevistados deram, durante a entrevista, ênfase a estas duas competências: a atitude e a empatia.

Interlocutor 01 - Professor que atua em salas inclusivas: “No meu entendimento os saberes inclusivos são de uma perspectiva atitudinal e numa perspectiva de conteúdo, de entender as suas fases e características do desenvolvimento do aluno. Os saberes que aprendi nos cursos que fiz só pontuam os saberes atitudinais que eu procuro ter o tempo todo”.



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



Para Azcárraga (2013), “*un elemento que emerge con relevancia es la actitud del profesorado hacia la inclusión educativa, pues esta puede facilitar la implementación o puede constituirse en una barrera para el aprendizaje y la participación del alumnado*”

Neste sentido, segundo Rivadeneira:

Las competencias actitudinales (saber ser / saber actuar) son características que poseen determinadas personas que hacen que su comportamiento y desempeño sea especialmente satisfactorio en el entorno familiar, social, laboral, educativo, profesional y demás. Según Le Boterf (2001) el ser profesional conlleva saber actuar y reaccionar con pertinencia, saber combinar los recursos y movilizarlos en un contexto, saber transferir, saber aprender, así como saber comprometerse (Rivadeneira,2013, pág.57).

No entanto, complementar a essa ideia, enfatiza-se que ser possuidor de saberes sobre inclusão escolar, como a competência atitudinal, por si, não são suficientes para promover a inclusão em todos os espaços da escola inclusiva, em especial, no desenvolvimento das práticas de Atendimento Educacional Especializado no NAPNE, se os seus profissionais não possuem a competência de se aproximar e criar um vínculo com o estudante, principalmente o da educação especial, transmitindo-lhe a sensação de afetividade, confiabilidade, dentre outros aspectos da empatia.

Se trata de una importante habilidad que nos permite saber cómo se sienten las otras personas o qué están pensando, comprender las intenciones de los otros, predecir sus comportamientos, y entender sus emociones. En el campo de la educación es necesario comprender las necesidades del alumno para poder ofrecer una atención de calidad (GIORDANI apud SEGARRA, 2016,p. 175).

Vários artigos científicos consultados pela pesquisa sugerem que a empatia é um desdobramento de um comportamento atitudinal. Assim, este estudo passa agora a se referir à competência de identificação de como as barreiras afligem o outro (empatia) e ter a proatividade (atitude) na resolução dos obstáculos em que esse outro se depara pelo termo “atitude empática”. Isso por entender que o termo **atitude empática** reforça tanto o conceito de proatividade quanto o de identificação.

...tenemos una **actitud empática**, que significa **ponerse en el punto de vista del otro**. Según Rogers (1994:289) “**Si puedo atender lo que él me dice, comprender como lo siente, apreciar el significado y sentir el matiz emocional que tiene para él, entonces estaré liberando poderosas fuerzas de cambio en la persona**” (GONZÁLEZ, 2010, pág.08), (Grifo nosso).

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECO

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECO



AMOSC

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



Assim, reflete-se que a competência da atitude empática possibilita que o educador vá além de simples conceitos e práxis mecanicistas de atendimento e dever de papel cumprido. Ela auxilia a ouvir mais, de procurar entender mais, de tentar entender aquele lugar, daquele sujeito em todo o seu processo de desenvolvimento intelectual, emocional, que as vezes encontra algumas barreiras por causa da deficiência. Por outro lado, ao incorporar tal competência, permite-se ao profissional inclusivo colocar-se no lugar do outro e, desde esta perspectiva, auxiliar na compreensão das barreiras enfrentadas e das suas possíveis soluções de maneira mais efetiva.

Interlocutor 01 - Professor que atua em salas inclusivas: “Eu sei que tem toda uma ciência de autores que falam sobre inclusão, mas, para mim, está muito relacionada aos valores, ter respeito. Eu vou respeitar a pessoa, independente de que a sociedade diga que ela tem limitação ou não, eu vou respeitá-la como pessoa. São coisas que trago comigo no caráter, na formação familiar. Então, se eu tenho para mim o respeito, o valor da pessoa humana, qualquer situação que veja a pessoa está passando por situações discriminatórias, eu vou intervir nisso. Então para mim inclusão é muito do que eu sou, do que você é”.

Mas por que os entrevistados deram prioridade para a competência da atitude empática em lugar de destacarem saberes técnico-científicos da inclusão? A resposta pode ser inferida a partir dos relatos dos mesmos participantes, quando lhes foi indagado sobre quais as barreiras identificadas por eles no IFB, para que a inclusão se efetive como prática de todos os profissionais envolvidos com os alunos da educação especial.

Interlocutor 02 - Intérprete de LIBRAS (pedagoga): “Escuto de muitos professores falas do tipo “esse problema não é meu” e joga a sua responsabilidade para cima do NAPNE. Os professores entregam a responsabilidade para a monitoria. Já escutei de muitos colegas dizer “eles não vão conseguir desempenhar as competências que o mercado pede, então por que motivo vou ensinar para eles?”.

Segundo Ribiero (2017), existem resistências à inclusão, tanto no âmbito escolar, profissional, familiar, como em outros setores da sociedade. Conforme explica a autora, as principais resistências têm origem no preconceito, na falta de informação e na intolerância a modelos educacionais mais flexíveis, ou seja, nas barreiras de atitude geradas, nutridas e difundidas no meio social.

As barreiras atitudinais são construções históricas preconcebidas, estereotipadas e generalizadas, que ora subestimam, ora superestimam a capacidade da pessoa com deficiência, traduzindo-se na forma de discriminação, intencional ou não [...] tanto podem surgir na linguagem, quanto nas ações e/ou omissões da sociedade diante da pessoa com deficiência (LIMA; TAVARES apud RIBEIRO, 2017, págs. 3-4).

Conclusões



I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



O eixo norteador desta investigação foi refletir sobre quais seriam os saberes em inclusão escolar mais destacados para a atuação dos profissionais que exercem as atividades de atendimento educacional especializado nos Núcleos de Atendimento às Necessidades Específicas-NAPNEs, voltados à inclusão do público da educação especial na EPT.

Desse contexto, destaca-se uma das ideias às quais essa pesquisa se apoiou: os saberes em inclusão escolar de muitos profissionais que atuam no AEE advêm tanto de contextos formais (leitura, cursos, seminários, etc.) quanto de contextos informais (interação monitor-monitor, monitor-estudante, professor-estudante, professor-comunidade, etc.) de educação. Por isso, os conhecimentos dos profissionais que atuam para a inclusão pertencem a um processo contínuo de aprendizagem, aplicação, reflexão e renovação. O agente desse processo é a rede de apoio, formada pela própria comunidade escolar do IF (alunos incluídos, monitores, professores, etc.) e os agentes externos (ONG, outros NAPNEs, agentes da saúde, assistência social, etc.).

Como observado, destacam-se, como principais saberes necessários para atuação inclusiva, as competências da atitude e empatia, neste artigo entendido como **atitude empática**, destacada antes mesmos do que os conhecimentos científicos ou informais, para a promoção da inclusão escolar de estudantes da educação especial. Ressalta-se, entretanto, que apenas ter tal competência por si só não garante a inclusão escolar, podendo acarretar em erros nesse processo, se não houver nestas ações alguma base de conhecimento, saberes em inclusão escolar, teóricos ou não, validados no seu uso, advindos de contextos formais ou informais de educação.

No entanto, considera-se que a competência da atitude empática talvez se constitua na força motriz que leve à busca, o estudo e a aprendizagem dos saberes científicos e informais, advindos da vivência de todos os atores envolvidos no contexto da inclusão (pessoas do público da inclusão, família, professores, profissionais de inclusão, etc.). Afinal, pelos relatos aqui analisados, alguns profissionais que atuam para a inclusão se omitem da tarefa de pesquisar ou mesmo perguntar, seja para colegas, seja para os profissionais do NAPNE, seja para o próprio aluno incluído, sobre como ele poderia desenvolver estratégias que atendessem as necessidades específicas requeridas para a inclusão de um determinado estudante.

Desse modo, espera-se que este estudo possa contribuir na reflexão e discussão sobre a necessidade de inserção das temáticas da competência da atitude empática como um dos eixos considerados como saberes em inclusão escolar, ao lado do conhecimento científico e dos

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



AMOSC
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



advindos de contextos informais (mas validados no seu uso), no desenvolvimento da formação inicial e continuada dos profissionais que atuam em favor da inclusão.

Palavras-Chave: Educação Profissional e Tecnológica. Educação Especial. Formação de Professores.

REFERÊNCIAS

AZCÁRRAGA, Granata Maribel et al. Actitud de los profesores hacia la inclusión educativa. **Rev. Papeles de Trabajo** N° 25, jul., 2013, Rosario– Argentina. Centro de Estudios Interdisciplinarios en Etnolingüística y Antropología Socio-Cultural, Universidad Nacional de Rosario. Disponível em: <<http://rephip.unr.edu.ar/xmlui/handle/2133/3301>>. Acesso em nov-2019.

BRASIL. Instituto Federal de Brasília-IFB. **Resolução n° 24-213/CS-IFB**: regulamenta o funcionamento e as atribuições do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas-NAPNE do IFB, 2013. Disponível em :< <https://www.ifb.edu.br/despesas/92-institucional/resolucoes/4298-resolucoes-2013>>. Acesso em jun. 2019

GONZÁLEZ. Ascensión Moreno. La mediación artística: un modelo de educación artística para la intervención social a través del arte. **Revista Iberoamericana de Educación**, nº 52/2, 2010. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3170044>>. Acesso jan. 2019.

RIBEIRO, Disneylândia Maria. GOMES, Alfredo Macedo. Barreiras atitudinais sob a ótica de estudantes com deficiência no ensino superior. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 24, p. 13-31, jan. /abr. 2017. Disponível em:<http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/16_06_2011_8.42.43.47dc3016138057668971bf9d26fe5d41.pdf>. Acesso em jun de 2019.

RIVADENEIRA, E. ¿Cómo las competencias actitudinales ayudan a conseguir un adecuado aprendizaje en discentes? Espiral, **Revista de Docência e Investigación**. Disponível em:<<http://revistas.ustabuca.edu.co/index.php/ESPIRAL/article/view/431/371>>. Acesso em jun.2019.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
AMOSC

I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

PROCESSOS HISTÓRICOS E RESISTÊNCIAS



SEGARRA; Muñoz. Empatía y educación: implicaciones del rendimiento en empatía de profesores en formación. Análisis comparativo. Universidad de Castilla la Mancha y Universidad Autónoma de Chile. **Revista Electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado**,19(3),173-183,2016. Disponível em :<<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5675848.pdf>>. Acesso em: dez. 2019.

REALIZAÇÃO



GRUPO DE PESQUISA EM
POLÍTICAS E PRÁTICAS DE INCLUSÃO
UFFS

PARCERIA

Curso de
Pedagogia



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

Programa de
Pós-Graduação
em Educação



UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ



UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ
AMOSC
ASSOCIAÇÃO DOS MUNICÍPIOS DO OESTE DE SANTA CATARINA